

ria física, seria de esperar que o efeito do baralho completo fôsse um aglomerado indiscriminado dos 25 símbolos todos juntos.

Há provas também de não ser importante o ângulo do estímulo do ESP. Em algumas experiências, coloca-se o baralho em cima da mesa, de sorte que a beirada e não a superfície anterior ou posterior está voltada para o paciente. Se êle estiver a cem jardas, a cem milhas ou mil, quaisquer impressões que o alcancem se vierem por meio de radiação física, deverão vir, presumivelmente, da superfície das cartas. No que respeita à posição do sujeito, portanto, cada símbolo das cartas transmitido nesse plano não é de modo algum símbolo, mas uma linha reta muito, muito fina, tão fina como a tinta da carta. Um círculo, uma estrêla, um quadrado seriam todos iguais dêsse ponto de vista.

Mas ainda assim não acabam as dificuldades da explicação física. É preciso discutir aspecto ainda mais desconcertante da prova. Em certo tipo de experiência, utiliza-se um baralho como estímulo; em outro, um desenho; e ainda em outro certo objeto em que o receptor se concentre; há, porém, outro tipo de experiência em que não existe qualquer objeto, carta, ou desenho — nada absolutamente do mundo físico ao tempo da experiência — para servir de alvo ao receptor. Êste tipo é, naturalmente, a experiência de telepatia pura. Desde que a ação do cérebro de certo tipo acompanha o pensamento de dado símbolo, é possível considerar essa ação do cérebro, no mínimo, como alvo concebível em si mesmo para ESP. Gerará essa ação do cérebro do emissor energia física capaz de produzir no receptor exatamente o mesmo efeito como o que produz o objeto na clarividência? Até agora a pesquisa na física ainda não revelou qualquer princípio energético que proporcione o mais remoto paralelo capaz de satisfazer ambos os tipos de percepção extra-sensorial.

* * *

Tenho trocado idéias com muitos físicos a respeito desses problemas. Os físicos se mostram, em geral, muito receptivos a novos desenvolvimentos da pesquisa em parte por terem visto os progressos rápidos das descobertas na física durante a

própria existência. Mas embora êstes físicos tenham-se interessado mais liberalmente pela prova de percepção extra-sensorial do que qualquer outro grupo científico e, em muitos casos, tenham-se manifestado francamente esperançosos da possibilidade de encontrar-se de qualquer maneira uma explicação em termos da física, nenhum dêles foi capaz de formular uma hipótese física do ESP que considerasse apropriada à explicação das descobertas experimentais da parapsicologia.

Alguns físicos disseram: "A física futura talvez compreenda um princípio que explique tudo quanto se conhece a respeito à percepção extra-sensorial." Isto é, porém, simples especulação sem objetivo. É possível também argumentar prontamente que a parapsicologia do futuro continuará a adicionar maiores dificuldades ainda à explicação física. Teremos de pensar em termos de conhecimento atual, tanto em física quanto em parapsicologia.

Um físico lembrou que as experiências de ESP começam com um objeto e terminam com a resposta objetiva do sujeito. "Ora, em uma experiência de física", juntou êle, "quando temos uma situação em que as duas extremidades da experiência são físicas, sabemos que tudo quanto se passa entre essas duas extremidades da reação deve ser também reação física, ou uma série de reações físicas. Como sair da física se se tem de contar com ela para o comêço e fim da experiência?"

Responde-se de certo modo a esta pergunta dizendo que tôdas as energias que conhecemos até agora podem converter-se em qualquer outra forma de energia. O movimento produz calor, a luz energia química, a energia elétrica o calor, e assim por diante. Ninguém seria capaz de pensar que, como uma reação termina pela produção da luz, a ação inteira terá de ser forçosamente de luz. Certo número de transformações poderá ter-se realizado na seqüência. É igualmente lógico, portanto, reconhecer que, embora uma reação termine em um efeito físico, poderá em qualquer elo da cadeia da continuidade causal ter sido algo diferente de físico, que, sem dúvida, se convertesse em energia física ou então nenhuma ação recíproca seria possível.

Contudo, não precisamos apoiar-nos na lógica para sustentar a maneira de ver psicocêntrica do homem. Os dados